



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL - SER
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**“Arte na função”: uma análise dos movimentos culturais da juventude na
Ceilândia enquanto expressão de emancipação humana.**

ANNA CLARA SOARES DE OLIVEIRA

Brasília - DF
2023

ANNA CLARA SOARES DE OLIVEIRA

“Arte na função”: uma análise dos movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto expressão de emancipação humana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade de Brasília - UnB.

Orientadora: Prof^a Dr^a Karen Santana de Almeida Vieira.

Brasília - DF
2023

ANNA CLARA SOARES DE OLIVEIRA

“Arte na função”: uma análise dos movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto expressão de emancipação humana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade de Brasília - UnB.

Data da aprovação:

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Karen Santana de Almeida Vieira
Professora orientadora - SER/UNB

Prof Leonardo Rodrigues de Oliveira Ortegal
Professor examinador - SER/UNB

Árina Cynthia Dos Santos Costa
Assistente Social

Brasília - DF
2023

Dedicatória

Ao meu avô, por me ensinar que a gente encontra redenção na arte e no amor.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a vida, pela dádiva de vivenciar os melhores anos da minha vida em uma das melhores universidades federais do país. A Universidade de Brasília se tornou um sonho para mim quando vi o meu nome na lista de aprovados no vestibular. Sinto que deixo uma parte minha nos corredores extensos do prédio principal que atravessei durante os últimos seis anos, com o coração cheio de alegria e encanto.

Agradeço a minha família e principalmente aos meus pais, que dedicaram parte de suas vidas para que eu chegasse até aqui. Cresci em um lar repleto de apoio e afeto, o que foi essencial para a minha trajetória como universitária. Aprendi com a minha mãe a ser uma mulher forte e decidida para correr atrás dos meus sonhos. Com o meu pai aprendi que a liberdade não tem preço, que não faz mal arriscar mesmo com medo e que às vezes é necessário saber levar a vida com mais leveza.

Deixo aqui registrado meu sentimento de gratidão à prof^a Karen Vieira que tornou o processo de escrita bem mais gracioso e tranquilo, sempre me lembrando do quão capaz eu sou. Os encontros de orientação foram momentos importantes e até mesmo de descontração e renovação de forças para prosseguir com o trabalho. O universo e a vida foram certos em cruzar nossos caminhos.

Aos meus amigos e colegas, no geral, gratidão por cada palavra de incentivo e pela torcida para me ver chegar longe. Em especial, agradeço à Maria, que hoje ocupa um espaço especial no meu coração. Obrigada pelas tardes de estudo, pelos momentos de distração para que eu pudesse respirar um pouco e por me acompanhar nos eventos de arte e cultura que eu sempre me interessei.

Acreditar na arte é manter acesa no coração a chama da autonomia e da emancipação, entre letras e rimas, pincéis e muitas cores, entre a dança e o toque, o abraço e o sorriso. Acreditar na arte é permitir que o sentimento se apresente ao mundo de maneira profunda e sensível, sem precisar explicar, só sentir. Sigo acreditando no potencial transformador dela e do Serviço Social, que me abraçou sob medida em momento oportuno da vida. *O amor move o mundo, o sensível nos conecta e a nossa luz brilha bem mais no caos.*

**“A arte é o triunfo sobre o caos.”
John Cheever¹**

¹ John Cheever (1912-1982) escritor e contista norte-americano.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar os movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto expressão de emancipação humana e demonstrar como o Serviço Social, como uma profissão voltada para a intervenção social, atua na construção da sensibilização crítica e emancipação política e social do indivíduo por meio do uso da arte. Entre os objetivos específicos, considerando a relevância do debate acerca do tema, foram identificar os movimentos culturais da Ceilândia, elucidar a arte como instrumento de emancipação política e social da juventude periférica e como aparato no resgate da cidadania, e qualificar o caráter pedagógico do Serviço Social e de outras dimensões da profissão. A metodologia utilizada no trabalho se desenvolveu por meio de um mapeamento bibliográfico utilizando a revisão bibliográfica integrativa com o intuito de reunir as produções teóricas sobre Arte e sobre o Serviço Social. Foram realizadas, também, quatro entrevistas de esclarecimento e de caráter qualitativo, com roteiro de perguntas semi-estruturado, com sujeitos e profissionais engajados em movimentos culturais da Ceilândia. Foi possível perceber que é por meio da arte que a humanização dos sentidos acontece e a alienação se desfaz. A arte como um instrumento potencializador da emancipação social e política da juventude auxilia no processo de ruptura das barreiras de um modelo restrito de atuação no Serviço Social, sendo necessário refletir sobre as possibilidades alternativas de intervenção profissional. Portanto, a arte e os movimentos culturais são fundamentais para possibilitar ao Serviço Social se conectar com atividades artísticas concedendo ao indivíduo a experiência da humanização por meio do sensível e principalmente construir uma juventude capaz de reafirmar o seu espaço nos movimentos de emancipação política e social.

Palavras Chave: Arte; Emancipação; Serviço Social; Juventude; Movimentos Culturais.

Abstract

This work aimed to analyze the cultural movements of youth in Ceilândia as an expression of human emancipation and to demonstrate how Social Work, as a profession focused on social intervention, works to build critical awareness and the political and social emancipation of individuals through the use of art. The specific objectives, considering the relevance of the debate on the subject, were to identify Ceilândia's cultural movements, to elucidate art as an instrument for the political and social emancipation of peripheral youth and as an apparatus for rescuing citizenship, and to qualify the pedagogical character of Social Work and other dimensions of the profession. The methodology used in the work was developed through a bibliographic mapping using an integrative bibliographic review to bring together theoretical productions on Art and Social Work. Four qualitative interviews were also carried out, using a semi-structured questionnaire, with subjects and professionals involved in cultural movements in Ceilândia. It was possible to see that it is through art that the humanization of the senses takes place and alienation is undone. Art as an instrument for the social and political emancipation of young people helps to break down the barriers of a restricted model of action in Social Work.

Keywords: Art; Emancipation; Social Work; Youth; Cultural Movements.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 - A ARTE ENQUANTO FERRAMENTA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA.....	16
1.1 - Arte, capitalismo e emancipação humana.....	16
1.2 - A função social da arte.....	18
1.3 - A importância da cultura e dos movimentos culturais.....	20
2 - A ARTE, O SERVIÇO SOCIAL E A INTERVENÇÃO SOCIAL EMANCIPATÓRIA... 25	
2.1 - O Serviço Social e a construção da cidadania.....	26
2.2 - Arte e a intervenção social emancipatória.....	28
2.2.1 - A instrumentalidade do Serviço Social e o trabalho transformador.....	29
3 - OS MOVIMENTOS CULTURAIS NA CEILÂNDIA E A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL.....	35
3.1 - O direito à cultura como direito fundamental.....	38
3.1.1 - Metodologia e o processo de coleta das informações sobre os movimentos culturais da juventude na Ceilândia.....	40
3.2 - POESIA MARGINAL, GRAFITE E O HIP-HOP: a superação da invisibilidade social da juventude periférica.....	42
3.2.1 - Considerações sobre o festival Elemento em Movimento e o Sarau Voz e Alma (Sarau VA).....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
APÊNDICE.....	59
ANEXO.....	60

INTRODUÇÃO

O Serviço Social, como uma profissão de caráter interventivo, vivencia de forma constante os inúmeros desafios existentes no campo de trabalho, principalmente aqueles que exigem criatividade para lidar com as complexidades da Questão Social².

Ademais, é importante demarcar também que esse trabalho se pauta pela compreensão e pela visão da sociedade e de seus objetos de estudos considerando a perspectiva teórica do materialismo histórico-dialético. Essa perspectiva é inerente ao Serviço Social, posto que ao analisar a sociedade, busca observá-la em sua totalidade e por meio de aproximações sucessivas e sem descuidar de suas particularidades, mas a partir da compreensão de que os sujeitos vivem em situação de pobreza e desigualdade social.³

O objetivo da pesquisa é, de maneira geral, analisar os movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto expressão de emancipação humana e demonstrar como o Serviço Social, como uma profissão voltada para a intervenção social, atua na construção da sensibilização crítica e emancipação política e social do indivíduo por meio do uso da arte.

Entre os objetivos específicos, considerando a relevância do debate acerca do tema, estão identificar os movimentos culturais da Ceilândia, elucidar a arte como instrumento de emancipação política e social da juventude periférica e como aparato no resgate da cidadania, e qualificar o caráter pedagógico do Serviço Social (decorrente do uso da arte) e de outras dimensões do projeto ético-político da profissão.

A Arte é conceituada como um instrumento de ação social capaz de levar a sociedade à emancipação; constituída por um caráter pedagógico, por meio dela é possível favorecer a concepção de autoconsciência e o reconhecimento da cidadania (IANNI, 1993, p.114).

²“A Questão Social é apreendida como um conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade” (IAMAMOTO, 2000, p.27).

³Não será objeto de nosso trabalho aprofundar e/ou discutir o que se trata o materialismo histórico-dialético, objetiva-se aqui apenas demarcar essa posição de análise da sociedade na compreensão do serviço social. Para compreender mais esse método consultar “O método dialético e a análise do real”, de Luis Henrique Zago. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/tMzcgmXNY3NJS3MY3MZBSxH/?format=pdf&lang=pt>.

Segundo Marx, “[...] a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem [...] tiver reconhecido e organizado suas *“forces propres”* (forças próprias) como forças sociais” (MARX, 2010, p. 54).

A arte, aqui, então, se faz presente como o princípio da concepção de uma sociedade mais consciente e como uma estratégia transformadora para a classe trabalhadora, enquanto ser social, para a construção e o desenvolvimento da emancipação humana, que não se separa da social e da política.

De um lado, o Serviço Social desempenha papel importante na formação da sensibilização crítica dos cidadãos e no fortalecimento de movimentos que consolidam o papel da autonomia humana na sociedade. Por outro lado, por meio da arte, não só os jovens, mas a sociedade, podem buscar pelo movimento revolucionário de despertar sua sensibilidade crítica e alcançar a auto-suficiência de forma livre e racional.

Acreditar nesse potencial da arte permite instrumentalizar o caráter transformador de um movimento robusto que assegura ao indivíduo a capacidade de expressar sua autonomia e sua individualidade. Esses potenciais também são esperados nos atendimentos acompanhados por assistentes sociais, por isso a discussão se faz aqui presente, considerando essa e outras áreas do conhecimento.

A despeito do Serviço Social enquanto ciência interventiva e a Arte enquanto outra área do conhecimento científico, é importante observar que os movimentos sociais e culturais permitiram que a arte se firmasse como um campo abrangente de trocas, tanto de ideias, de diálogos, como de valores e subjetividades, buscando apresentar, também, a necessidade e a emergência de uma nova noção de cidadania.

Na década de 1960 a cultura brasileira foi marcada pelo fortalecimento dos movimentos de cunho político e ideológico. O Tropicalismo, também conhecido como Tropicália, por exemplo, sinalizou de maneira profunda as formas de expressão artística como a música e a poesia. O movimento surgiu com base em ideias revolucionárias e de contestação política, questionando, inclusive, os padrões artísticos da época.

Já nos anos 1990, no Brasil, as iniciativas de cultura e arte de jovens da periferia surgiram como referência em um cenário de manifestações culturais e, ainda hoje, são fonte de princípios e de práticas das Organizações Não-Governamentais (ONGs). Como uma forma de se desfazer de estereótipos e

estigmas e como oportunidade de acesso à cultura, a arte se expressa por meio da música, do teatro, da poesia, das linguagens, e fortalece a tentativa de afastar a juventude das estatísticas de desigualdade e de violência.

De acordo com o Atlas da Violência 2021, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a violência é a principal causa de morte dos jovens no Brasil. Homens jovens entre 15 e 29 anos são as maiores vítimas da mortalidade violenta no país. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. Ainda no mesmo ano, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. (IPEA, 2021).⁴

As iniciativas culturais geralmente são articuladas pelos próprios jovens e começam como projetos ou programas sociais voltados para o ramo cultural e artístico. A cultura *hip-hop*⁵, por exemplo, se faz presente desde as periferias de São Paulo, passando pelas vilas de Porto Alegre, até os bairros pobres de Brasília, Belo Horizonte, Recife e São Luís.⁶ Ainda em 1990, a categoria juventude foi reconhecida como sujeito de direito. Em 2005 houve a criação da Secretaria Nacional da Juventude, ligada à Secretaria Geral da Presidência da República e em 2013, o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 agosto de 2013).

Dentre os princípios que regem o Estatuto, é possível citar I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens; II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações; VII - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação (Estatuto da Juventude, PLC 098/2011).

De acordo com os dados levantados na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada em 2015 e 2016, pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), o Distrito Federal abriga 2,9 milhões de habitantes, dos

⁴Atlas da Violência 2021 elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

⁵O hip hop nasceu no início dos anos 70, nas periferias de Nova York, nos Estados Unidos. As três formas de expressão do movimento são: o rap, o break dance e o grafite. No Brasil, o rap chegou no início dos anos 80 e se consolidou nos anos 90 como um movimento cultural e político. Disponível em: <https://www.jornaldorap.com.br/noticias/a-historia-e-a-evolucao-do-hip-hop-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 13 out. 2023.

⁶JOVENS de favelas na produção cultural brasileira dos anos 90 | Silvia Ramos. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/jovens-de-favelas-na-producao-cultural-brasileira-dos-anos-90-silvia-ramos/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

quais 700 mil (24,1%) são jovens. Em números absolutos, Ceilândia possui o maior número de jovens: 109 mil² (CODEPLAN, 2016).

A juventude periférica da Ceilândia, ainda que uma pequena parcela dela considerando o número anterior, se encontra envolvida em atividades de cunho cultural por meio do Programa Jovem de Expressão, localizado na Praça do Cidadão, na Ceilândia. O programa tem o intuito de ajudar adolescentes e jovens adultos a fazerem parte de um universo rico em arte, lazer, cultura e informação, além de oferecer atividades de formação profissional.

Criado em 2007, com o objetivo de promover investimento social na juventude e reduzir a exposição de jovens à violência, o programa foi implementado nas cidades de Ceilândia, pela Central Única das Favelas (CUFA-DF), e em Sobradinho II, pelo Grupo Cultural Azulim. O programa atende jovens de 15 a 29 anos de idade e seus quatro eixos centrais são: a educação, a cultura, o empreendedorismo e a saúde mental.⁷

O programa também conta com dois elementos basilares para promover atividades de arte, comunicação e terapia comunitária. O primeiro é o Expressão Jovem, de cunho cultural, onde os jovens são incentivados a participarem de oficinas culturais e de comunicação comunitária, apresentadas com base no empreendedorismo; e o Fala Jovem, para promover um espaço de terapia comunitária, onde os jovens, os pais e outras pessoas expostas à violência podem compartilhar sobre suas vivências e preocupações.⁸

As intervenções culturais têm sido uma ferramenta importante para impulsionar movimentos artísticos que reafirmam a autenticidade da juventude periférica e o sentimento de comunidade nos agregados não só do Distrito Federal, mas de todo o Brasil. Compreender as manifestações da Questão Social é, também, de acordo com Lamamoto (2000, p. 114), compreender “as formas de resistência e rebeldia com que são vivenciadas pelos sujeitos sociais” .

Símbolo da pluralidade artística no Distrito Federal, a Ceilândia representa o melhor da diversidade cultural do Brasil. Por ter recebido famílias que migraram de vários estados do país, principalmente do nordeste, em busca de melhores condições de vida e para ajudar na construção de Brasília, a cidade abriga um cenário cultural diverso e muito rico. Sua potência como eixo cultural sustenta uma

⁷ <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/jovemdeexpressao/jovem-de-expressao-principal.html>.

⁸ <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/jovemdeexpressao/jovem-de-expressao-principal.html>.

estrutura envolvente da arte na periferia, que pode ser encontrada na música, na poesia, no audiovisual e até mesmo nas praças e ruas da cidade.⁹

Considera-se ainda necessário analisar quais são os movimentos culturais que acontecem na cidade, quem produz esses movimentos e como eles impactam a vida e a formação pessoal desses jovens. Cabe aqui, também, analisar as consequências do engajamento dessa juventude no cenário cultural, considerando o apreço pela ascensão social e política por meio da arte, e como o Serviço Social, como uma profissão interventiva, pode colaborar para uma atuação que potencialize a criatividade e a sensibilização crítica.

Já encontra-se na bibliografia do Serviço Social autores como Santos (2004) que defende que “o Serviço Social tem na sua intervenção uma gama de possibilidades de interpretação para a inserção da arte e suas expressões no fazer cotidiano.” A partir do argumento apresentado anteriormente, é possível inferir que a criatividade possa ser um instrumento fundamental para uma intervenção inovadora e capaz de abranger a interdisciplinaridade na profissão, colocando em prática uma mediação alternativa e de possibilidades em conexão com essa outra área do conhecimento, qual seja a arte.

A monografia justifica-se pela resposta provisória e oportuna de confirmar a importância dos movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto um espaço seguro para receber as formas de expressão artística de jovens periféricos e as possibilidades de contribuição do Serviço Social para o processo de construção social e de desenvolvimento da sensibilização crítica dos sujeitos¹⁰.

Como um tema novo no Serviço Social, e apesar da pouca produção de estudos específicos encontrados sobre a temática, busco, também, com este trabalho, contribuir para o fomentar os diálogos, as discussões e os debates acerca da arte como área de conhecimento científico e como meio de trabalho, não só dos (as) assistentes sociais, mas, inclusive, daqueles que prezam por uma prática profissional transformadora e interventiva em diversas áreas.

Busco no primeiro capítulo explorar a trajetória histórica da arte e da sua função social, analisando a presença da arte no contexto de luta e da emancipação

⁹CEILÂNDIA é o caldeirão cultural do DF; conheça artistas da cidade. 27 mar. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/03/4914408-ceilandia-e-o-caldeirao-cultural-do-df-conheca-artistas-da-cidade.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

¹⁰Essa resposta provisória reporta-se a uma possível “hipótese” de pesquisa que pode ser confirmada ou refutada.

da classe trabalhadora, tendo como base os pensamentos de Marx. Em suas obras, Marx não economizou nas críticas ao capitalismo, expondo seus pensamentos e desejos em relação ao triunfo do proletariado e o fim das desigualdades.

No segundo capítulo, a discussão se volta para a relação entre a arte e o Serviço Social. Como uma profissão de caráter interventivo, o Serviço Social possibilita a construção de um espaço onde seja possível refletir de forma crítica os diversos contextos sociais e encontrar oportunidades de inovação na atuação profissional por meio de diversos instrumentos, e por que não defender por meio da arte, enquanto conhecimento científico e meio de trabalho interventivo, despertando, não só nos profissionais do Serviço Social, mas na sociedade, o movimento analítico de reflexão e de autonomia.

No terceiro capítulo, será abordada a descrição da metodologia da pesquisa e; os movimentos culturais na cidade de Ceilândia e a emancipação política e social da juventude periférica se tornam centro de uma análise cuidadosa, onde o direito à cultura manifesta-se como impulsionador de uma juventude que busca reconhecimento e autenticidade. O capítulo, além disso, apresentará considerações sobre o Festival Elemento em Movimento e o Sarau Voz e Alma, que acontecem na cidade.

CAPÍTULO I
A ARTE ENQUANTO FERRAMENTA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

*Se tudo tem um propósito
A gente não é só um número
O que me parece lógico deixar o nome no muro
Não tiro o pé, não corro da dividida
Deve haver eu acho um propósito pra essa vida
(A arte do barulho - Marcelo D2)*

1 - A ARTE ENQUANTO FERRAMENTA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Responsável por estabelecer uma série de questionamentos que visam abordar questões sociais e políticas, a arte atua como aparato fundamental no movimento de expressão e mobilização para questionar as desigualdades e injustiças sociais, desafiando o *status quo*¹¹. Assim como acreditava Karl Marx, filósofo alemão, ativista político e revolucionário, a arte é uma resposta das condições sociais e econômicas de cada época e é por meio dela, também, que é possível construir a mobilização de resistência popular e de luta.

1.1 - Arte, capitalismo e emancipação humana

Enquanto fundante do ser social, o trabalho possibilita que o processo de transformação da natureza pelo indivíduo favoreça a aquisição de conhecimentos e habilidades. Esse recurso permite que os limites entre o homem e a natureza sejam ultrapassados, gerando assim, a vida material. Marx (2013, p. 255) diz que “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem por sua própria ação, medeia, regula e controla o metabolismo com a natureza”.

O homem se apodera da natureza transformando-a. O trabalho é a transformação da natureza. O homem também sonha com um trabalho mágico que transforme a natureza, sonha com a capacidade de mudar os objetos e dar-lhes nova forma por meios mágicos. Trata-se de um equivalente na imaginação àquilo que o trabalho significa na realidade. O homem é, por princípio, um mágico (FISCHER, 1959, p. 21).

Permeadas pelo desenvolvimento do Modo de Produção Capitalista, as relações humanas são afetadas pelas consequências desse ciclo, que busca a concentração de riqueza acima de tudo. O princípio da vida humana se encontra no fazer-se humano do ser social, que está profundamente ligado ao trabalho, pois é justamente este que supre as necessidades de sobrevivência. Entretanto, a humanização dos sentidos deixa de ser interessante, uma vez que o modo de

¹¹De acordo com o dicionário, forma abreviada da expressão latina *statu quo res erant ante bellum* que significa no estado em que as coisas estavam antes da guerra; condição de alguém ou estado atual de alguma coisa.

alienação do ser social¹² se faz presente na exploração da mão de obra e nas condições mínimas de manutenção e existência de vida.

“A alienação se caracteriza, portanto, pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em ‘coisas’, de modo que possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras, a reificação das relações humanas)” (MÉSZÁROS, 1981, p. 8).

A presença dos sentidos na vida cotidiana é fundamental para concretizar o sensível por meio da visão subjetiva de mundo dos seres humanos. Para Marx (2004, p.110), “a formação dos sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui”. A arte é um instrumento de extrema relevância para a reprodução do ser social e da expressão de seus sentimentos, valores e costumes. Conforme Hegel (1980), a arte desempenha o papel de aproximar a ideia à contemplação humana de forma sensível:

“[...] e ainda em que o valor e a dignidade desta representação resultam da correspondência entre a ideia e a forma que se fundem e interpenetram; deste modo, a qualidade da arte e a conformação da realidade representada com o conceito dependerão do grau de fusão, de união existente entre a ideia e a forma” (HEGEL, 1980, p. 141).

Fischer (1973:19) diz que

“[...] esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social.”

Hoje, símbolo da magnitude do desenvolvimento humano e da efetivação dos direitos, o acesso à cultura e à arte se apresenta como resultado do reconhecimento da luta pela construção de uma sociedade autônoma, que procura não se afetar pelos interesses do capital e que nega uma cultura capitalista e alienadora. A arte é sinal de resistência, de formação crítica, de superação de obstáculos impostos pela burguesia, que um dia a transformou em mercadoria e a fez restrita a um pequeno público. A arte popular é a principal ponte para a construção da autenticidade das classes de massa e facilitadora do processo de humanização, pois, como diz

¹²Esta é uma categoria complexa de debate. A teoria da alienação é fundamental para compreender os caminhos controversos do capitalismo. Sabe-se que o processo de alienação tem sua origem em Marx, quando o filósofo alemão argumenta sobre a relação contraditória do trabalhador com o produto de seu trabalho. Marx acreditava que a única oportunidade de saída desse sistema era por meio da emancipação dos próprios trabalhadores.

Espinosa (2011), “a escolha essencial da arte popular é que ela é realizada como uma atividade dentro da vida”.

Não existe arte pela arte, ao contrário do que muitas culturas consideram. A arte tem uma funcionalidade e um propósito. Ela é dialética e comunicativa [...]. A arte tem muitas linguagens. Como existem muitas culturas, há muitas formas de arte [...], a arte representa os símbolos de uma cultura, de um povo ou valores de um grupo e a forma de vida social das comunidades. (FATUYL, 1990, p. 159)

Atravessando os aspectos conjunturais de uma crise que consolida o conservadorismo das classes dominantes, a arte resgata no ser social a manifestação histórica do desenvolvimento da humanidade e da luta pela sua permanência como ferramenta da emancipação humana, que busca expressar as complexidades da sociedade capitalista e os embates para superar os efeitos de um sistema que se sustenta na exploração e na desigualdade, se mostrando necessária, independente do momento, à vida humana.

1.2 - A função social da arte

Conceituar a arte pode ser um processo um tanto quanto trabalhoso. Assim como as ideias e os pensamentos expressos por meio dela, não é possível limitá-la a uma só concepção. Segundo o dicionário, arte, do latim *ars*, *artis*, significa “técnica” ou “habilidade natural ou adquirida”.

Podemos considerá-la, também, como “uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa idéias e emoções na forma de um objeto artístico (desenho, pintura, escultura, arquitetura etc) e que possui em si o seu próprio valor”. Além disso, “a arte dá e encontra forma e significado como instrumento de vida na busca do entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos no mundo”. (AZEVEDO JÚNIOR, p. 7, 2007).

Se fosse da natureza do homem o não ser ele mais do que um indivíduo, tal desejo seria absurdo e incompreensível, porque então como indivíduo ele já seria um todo pleno, já seria tudo o que era capaz de ser. O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo. Sente que só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que um homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias. (FISCHER, 1959, p. 13).

Seja por meio da poesia, da música, da pintura, do teatro, a arte abre espaço para as diversas formas de manifestação e viabiliza ao indivíduo o ensejo de romper com o processo de alienação e limitação que sofre ao longo da vida. As consequências da transformação da natureza em subsídio fundamental para a vivência humana é o grande responsável pelos avanços da vida social. É por meio do trabalho que o indivíduo consolida seus conhecimentos e habilidades a fim de tornar cada vez mais efetivo seu ofício de modificação.

A necessidade de expressão carrega consigo um histórico repleto de vestígios de uma civilização que sempre acreditou na arte como forma de representar o mundo por meio da criatividade. Fischer (1987, p.20) diz que a “arte é quase tão antiga quanto o homem”, revelando sua base em processos históricos desde o início da humanidade. Ele também diz que a arte “era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (1987, p. 45).

Em meados do século XIX, na França, o realismo ganhou força por meio da construção da evolução da consciência social e dos valores da liberdade e da democracia. As ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, responsáveis por defender a igualdade social, impulsionaram a produção de pinturas que demonstravam de forma objetiva as complexidades da vida cotidiana da classe menos favorecida. Assim, não só a arte, mas também o artista, passou a ser porta voz da representação das necessidades sociais de cada época.

A relação direta com as expressões do cotidiano faz com que a função social da arte trace um elo intenso e transparente com a dinâmica que o tempo e as transformações sociais carregam. Azevedo Júnior (2007) diz que “a arte serve como um fim não-artístico”, sendo valorizada pela sua finalidade. Para Buoro (2000, p. 23) “em cada momento específico e em cada cultura, o homem tenta satisfazer suas necessidades socioculturais também por meio de sua vontade/necessidade de arte”.

Cada sociedade possui seus próprios valores morais, religiosos, artísticos entre outros. Isso forma o que chamamos de cultura de um povo. Mas uma cultura não fica isolada e sofre influências de outras, portanto, nenhuma cultura é estática e sim dinâmica e mutável. A arte, ao longo dos tempos, tem se manifestado de modos e finalidades diversas. (AZEVEDO JÚNIOR, p. 8, 2007).

Acompanhada das transformações sociais e tecnológicas, torna-se impossível enquadrar a arte em um só momento ou em uma só época, pois, assim, como a realidade do mundo, a arte não é estática (MATHIAS; COUTINHO, 2011). As inúmeras tecnologias hoje existentes permitem ao artista compartilhar sua visão subjetiva de vivência com outro público, e até mesmo com outros artistas, que vivenciam realidades diferentes.

E sem se esquecer do compromisso com a função social, ainda que em um mundo globalizado e repleto de tecnologias, a arte é a chave para mostrar que “existem decisões livres, que o homem é capaz de criar situações de que precisa, as situações para as quais se inclina a sua vontade.” (FISCHER, 1987, p.231).

1.3 - A importância da cultura e dos movimentos culturais

Etimologicamente a palavra democracia vem do grego, onde *demo* significa povo e *kratia* significa poder. De maneira concisa, representante do poder coletivo, a democracia se configura como um regime político baseado na liberdade e soberania popular. A autoridade é exercida por um conjunto de cidadãos que confiam parte de seu poder ao Estado. De acordo com Corte e Corte (2018), “a democracia é um processo histórico e cultural, relacionado a vários fatores” e seu conceito “altera-se conforme especificidades espaciais (sejam elas culturais, sociais, econômicas etc.) e temporais.”

Compreender o papel dos movimentos sociais e culturais na construção da democracia possibilita expandir o cenário de compreensão sobre a resistência de movimentos autônomos, criativos e populares, que aproximam seus princípios do processo de construção da cidadania e da autonomia política e social dos indivíduos. Além disso, as questões que perpassam por esses movimentos consolidam e desafiam os profissionais que lidam diariamente com as demandas sociais e que lutam para arquitetar uma identidade profissional baseada em valores e princípios éticos, como o Serviço Social.

No âmbito da relação que se estabelece entre o assistente social e o usuário, ser democrático significa romper com as práticas tradicionais de controle, tutela e subalternização. E, mais, contribuir para o alargamento dos canais de participação dos usuários nas decisões institucionais, entre outras coisas, por meio da ampla socialização das informações sobre os direitos sociais e serviços. (PAIVA; SALES, 1995, p. 190)

As práticas culturais contemporâneas são, muitas vezes, respostas formuladas por coletivos ligados a questões de classe, raça, gênero, etnia, que evidenciam a complexidade da vida cotidiana. Os movimentos culturais atualmente desempenham um papel importante quanto ao reforço de práticas e organizações que se mobilizam para lutar por pautas sociais que atingem diversos setores da sociedade. Tem-se, então, mas não só, uma classe comprometida em impedir os retrocessos sociais e políticos que atingem grupos menos favorecidos.

Para além da democracia política, consentida e tolerada pela ordem liberal burguesa, a democracia que queremos reclama igualdade de acesso e oportunidades para que todos os indivíduos tenham direito a um trabalho e existência dignos, a condições de moradia, saúde, educação, lazer e cultura. Esse tipo de democracia, todavia, não cabe dentro dos objetivos e dos limites da sociedade burguesa, porque tal conteúdo contraria o núcleo de relações fundantes da acumulação capitalista, a qual se estrutura a partir da exploração de uma classe sobre a outra. (PAIVA; SALES, 1995, p. 188)

A fusão entre o cotidiano social e a arte carrega o potencial de dar voz à população menos favorecida, prezando pela liberdade artística de forma subjetiva e democrática. Assim como os movimentos culturais nos anos 1960 no Brasil, os atuais também possuem o intuito de conscientizar a população sobre questões sociais e sobre as problemáticas do sistema capitalista.

Embora possua um conceito amplo, o conjunto de ações humanas permeado pelo costume e pela tradição pode ser entendido como cultura. De acordo com Chauí (2021, p. 9), ela também pode ser interpretada como esperança racional de experiências, ideias e valores com sentido libertário. Enquanto prática social, ela é relevante para a sociedade pois representa uma dimensão, assim como a política e econômica. De acordo com Pestana (2011, p. 90)

[é possível pensar] a cultura não como um elemento exterior à sociedade, de modo a completá-la, tampouco reduzida às manifestações artísticas, embora seja esta uma de suas dimensões, ou apenas como representação de determinado período histórico ou sociedade, mas sim como todas as manifestações dos homens relativas à práxis social.

E mais,

As culturas dos movimentos sociais são modeladas pelas instituições com as quais se defrontam. Tipos diferentes de regime e formas diferentes de repressão geram tipos distintos de movimentos sociais, com diferentes táticas e culturas internas. As instituições dominantes modelam os valores mais profundos do movimento. (SWIDLER, 1996, p. 11)

Assim, “não somos simples resultado das determinações existentes na estrutura social, e sim sujeitos socioculturais, pois participamos da estrutura social, mas nos diferenciamos por meio de nossas dimensões culturais” (PESTANA, 2011). Para Paulo Freire (1980), a cultura é

[...] o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande músico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu país, como também a poesia de seu cancionista popular. Que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1980, p.109).

No campo iluminista, o conceito de cultura refere-se ao aprimoramento racional e moral, onde a civilização europeia capitalista era tida como modelo para definir superioridade e inferioridade social, cultural, econômica e política (PESTANA, 2011, p.87). Considerando os pensamentos de Chauí (2006)

[...] No conceito de cultura, introduz-se a ideia de tempo, mas de um tempo muito preciso, isto é, contínuo, linear e evolutivo, de tal modo que, pouco a pouco, cultura torna-se sinônimo de progresso. Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que ela traz a uma civilização (CHAUÍ, 2006, p.130).

A cultura tem papel fundamental no processo de consolidação da democracia no país. Seu potencial emancipatório abre espaço para a troca de conhecimento, costumes, princípios e crenças, exercendo com criatividade e compromisso o dever de qualificar as relações sociais por meio de princípios civilizatórios, com apoio na democracia e na chance de emancipação. Para Chauí (2006, p. 113) a cultura “[...] é, pois, a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meios de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”.

[...] a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUÍ, 2006, p. 138).

Entender o acesso à cultura como um direito, inclusive humano, constitui a luta por firmar a acessibilidade, a efetivação e a universalização do mesmo. Previsto no artigo 215 da Constituição Federal do Brasil de 1988, é dever do Estado garantir a todos “o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional”. Como peça legítima da dignidade da pessoa humana e do exercício da cidadania, o que entende-se por cidadania cultural é o “direito do cidadão, [...] direito à criação desse direito por todos aqueles que têm sido sistemática e deliberadamente excluídos do direito à cultura” (CHAUÍ, 2006, p. 70).

Mesmo com os contrastes resultantes de uma sociedade em desequilíbrio social, revelar a cultura como chave para o rompimento da exploração e alienação social permite que a crença acerca da ideia de que o acesso à cultura é um privilégio não seja sustentada. De acordo com Chauí (2021, p.143), o homem humaniza a natureza por meio do trabalho. Assim, a arte pode ser entendida como consequência da “humanização ou da subjetivação da natureza pelo trabalho” e se apresenta, também, como cultura, não se limitando a um mero objeto de consumo e lucro.

CAPÍTULO II
A ARTE, O SERVIÇO SOCIAL E A INTERVENÇÃO SOCIAL EMANCIPATÓRIA

*Pagamos pior preço, prisão perpétua
Amargo fel cruel faz parte
Vida inspira a arte
E me motiva a viver livre
Vivência inspira letra
Rima de grosso calibre
Banalidade no mundo tem muita
E grita mudança
(Então me diz - PrimeiraMente)*

2 - A ARTE, O SERVIÇO SOCIAL E A INTERVENÇÃO SOCIAL EMANCIPATÓRIA

O caráter interventivo do Serviço Social não deixa escapar a necessidade de uma intervenção efetiva no cotidiano de trabalho. As demandas no campo de atuação se tornam cada vez mais desafiadoras e nós, como profissionais prontos para usufruir de mediações alternativas, precisamos estar em perfeito arranjo quando exigido de nós o exercício que reafirme o desenvolvimento de processos sociais emancipatórios.

As expressões da Questão Social se revelam no cotidiano do indivíduo, por meio do trabalho, do social, da família, demonstrando que, mesmo que ultrapassadas, algumas delas insistem em atingir de forma brutal grupos específicos da população. Suas diversas expressões e sua complexidade exigem do (a) assistente social intervenções excepcionais quanto a atuação.

“A reflexão apresentada aqui quanto à atuação do profissional de Serviço Social ligada à arte não tem como finalidade a formação de artistas e nem que o profissional o seja necessariamente (apesar de, como em qualquer prática, haver a necessidade mínima de algum conhecimento específico). Como afirma Souza (2004), pensar em possíveis encaminhamentos para o uso dos recursos da arte em trabalhos sociais requer o estabelecimento de algumas clarificações em torno de suas especificidades e potencialidades”. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 12).

Despertar a sensibilidade crítica dos indivíduos possibilita a quebra de um paradigma sustentado pela condição ideológica de que o ser humano se reduz a um mero objeto. O uso da comunicação de massa para desviar o enfoque central da habilidade da cultura ser emancipatória consolida a ampliação da alienação por meio de uma indústria cultural de massa que transforma a arte em mercadoria. Assim como diz Chauí (2008)

Como cultura de massa, as obras de pensamento e de arte tendem: de expressivas, tornarem-se reprodutivas e repetitivas; de trabalho da criação, tornarem-se eventos para consumo; de experimentação do novo, tornarem-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo; de duradouras, tornarem-se parte do mercado da moda, passageiro, efêmero, sem passado e sem futuro; de formas de conhecimento que desvendam a realidade e instituem relações com o verdadeiro, tornarem-se dissimulação, ilusão falsificadora, publicidade e propaganda. mais do que isso. (CHAUÍ, 2008, p.60)

Acreditar na emancipação dos indivíduos transforma a atuação do (a) assistente social, pois seu exercício se concretiza a partir de uma intervenção sensível, direta e acolhedora, onde o usuário resgata seu autoconhecimento por meio dos processos reflexivos que o condicionam a perceberem tanto as dificuldades que o cercam, quanto as suas potencialidades como indivíduo. Não há como negar que unir a sensibilidade à razão abre espaço para trabalhar de maneira inovadora a integralidade das mediações no campo profissional.

Sendo base para uma nova forma de agir profissional, a arte então se consolida como um instrumento de autoconhecimento e de reflexo da realidade. Não se desfaz dos elementos políticos, éticos e sociais, nem mesmo do caráter metodológico e pedagógico da profissão, nem da teoria e prática. A arte permite que qualquer profissional que a utilize possa explorar as perspectivas e potencialidades de intervenção e mediação.

2.1 - O Serviço Social e a construção da cidadania

A evolução histórica do conceito de cidadania perpassa pelos mais diversos cenários. Seu significado mais antigo diz respeito ao surgimento da organização da vida humana em duas esferas: a pública e a privada. A vida pública é a responsável por motivar a necessidade de um conjunto de medidas regulamentares para possibilitar a convivência humana.

Os primeiros direitos consolidados e reconhecidos estavam de acordo com a ideologia liberal. A institucionalização da cidadania no Estado Moderno se baseia na omissão das desigualdades por meio do discurso da cidadania e da afirmação de que todos são iguais perante à lei. Segundo Marshall (1976, p. 76) “A cidadania afirma a igualdade num sistema de desigualdade, por isto há tensão permanente entre cidadania e capitalismo”.

É evidente que a cidadania está intrinsecamente ligada à vida em sociedade e que sua essência se faz presente no exercício livre e igual dos indivíduos. A evolução do conceito de cidadania é reconhecida por Boaventura de Sousa Santos (1997), que diz que a cidadania

“(…) é constituída por diferentes tipos de direitos e instituições; é produto de histórias sociais diferenciadas protagonizadas por grupos sociais diferentes. Os direitos cívicos correspondem ao primeiro momento do desenvolvimento da cidadania; são os mais universais em termos de base social que atingem

e apoiam-se nas instituições do direito moderno e do sistema judicial que o aplica. Os direitos políticos são mais tardios e de universalização mais difícil e traduzem-se institucionalmente nos parlamentos, nos sistemas eleitorais e nos sistemas políticos em geral. Por último, os direitos sociais só se desenvolvem no nosso século e, com plenitude, depois da Segunda Guerra Mundial; têm como referência social as classes trabalhadoras e são aplicados através de múltiplas instituições que, no conjunto, constituem o Estado-Providência.” (SANTOS, 1997, p. 244)

Para Dallari (1998), a cidadania

[..] expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p. 14)

A cidadania fortalece o ideário de liberdade do indivíduo, lhe cedendo espaço para atuar como bem entender e tomar suas próprias decisões. Com ela, é garantido ao cidadão a liberdade de atuar de forma civil, econômica e política, tendo seu valor como pessoa reconhecido e seu direito inalienável respeitado. Como diz Corrêa (1999, p. 217)

[...] direitos de cidadania são os direitos humanos, que passam a constituir-se em conquista da própria humanidade. A cidadania, pois, significa a realização democrática de uma sociedade, compartilhada por todos os indivíduos a ponto de garantir a todos o acesso ao espaço público e condições de sobrevivência digna, tendo como valor-fonte a plenitude da vida. Isso exige organização e articulação política da população voltada para a superação da exclusão existente. (CORRÊA, 1999, p. 217)

Considerando o papel primordial exercido pelos profissionais do Serviço Social, reconhecer o contexto em que sua prática se insere torna a atuação em campo mais crítica em relação às tendências da expansão capitalista e de suas repercussões. Compreender como o Estado funciona e como se relaciona com a sociedade civil permite que o (a) Assistente Social compreenda a prática e as complexidades da atuação.

As transformações políticas, sociais e econômicas no Brasil, mais precisamente na década de 1960, foram acompanhadas pelo Serviço Social, que se reconheceu parte do movimento de modernização e optou por aprimorar o instrumental operativo da profissão. Estando mais próxima da realidade de classes populares, a perspectiva modernizadora que atingiu os (as) assistentes sociais,

permitiu novos ritmos de desenvolvimento e novas trocas com outras áreas do conhecimento, fortalecendo a luta contra o conservadorismo e se aproximando de movimentos populares para garantir direitos sociais.

Refletir sobre o papel do (a) assistente social na construção da cidadania diz respeito a dar importância às demandas da realidade social. É necessário ser capaz de enfrentar as desigualdades sociais e trabalhar de forma perspicaz para concretizar e possibilitar à população menos favorecida o exercício da cidadania plena, sem se esquecer que ela se constitui como fundamento da Constituição Federal brasileira e que o compromisso do Serviço Social é com a efetivação dos direitos sociais.

Considerar a importância da noção de cidadania para o exercício profissional possibilita não só reconhecer outras oportunidades de atuação para mitigar as adversidades no campo social, mas também tornar a experiência como profissional concreta e consolidada com a luta e com a busca pela garantia de direitos, o que abre espaço para a articulação política e social de forma coletiva.

2.2 - Arte e a intervenção social emancipatória

Atravessando os aspectos conjunturais de uma crise que consolida o conservadorismo das classes dominantes, a arte resgata no ser social a manifestação histórica do desenvolvimento da humanidade e da luta pela sua permanência como ferramenta da emancipação humana, que busca expressar as complexidades da sociedade capitalista e os embates para superar os efeitos de um sistema que se sustenta na exploração e na desigualdade.

Compreender que a arte ocupa outros espaços além do cunho apenas e somente artístico, do entretenimento e da atribuição terapêutica¹³, suscita a nós, como sociedade e sujeitos, o arbítrio de identificar sua dimensão quanto ao encargo de formação e desenvolvimento dos indivíduos. Ela pode ser entendida como um meio de sensibilização social, pois sua essência se encontra no sentir, a partir do discernimento do estado de alienação para a transformação em indivíduo

¹³O uso da atribuição terapêutica aqui, refere-se apenas aos limites e as possibilidades do uso da arte enquanto intervenção social emancipatória e do âmbito da arte. Não estamos nos referindo a importante e difícil discussão existente dentro do Serviço Social que diferencia práticas terapêuticas e as regulamentações dos conselhos de classe dessa categoria que vedam essa atribuição a esse profissional. Para maior entendimento sobre o assunto consultar a resolução CFESS Nº 569, de 25 de março de 2010.

consciente, reconhecendo o desprezo e a negação da capacidade de sentir causados pelo sistema capitalista.

Fortalecendo seus valores e princípios, a arte funciona como um motor, responsável pela transformação social por meio do pensamento crítico e da tomada de consciência por grupos e populações em situação de pobreza e desigualdade social. Vista como oportunidade de dar visibilidade aos “invisíveis”, ela é a chance de criar e reinventar, de expor o que se sente, de troca e construção, de compreender e ser compreendido. A arte é uma das chances de resistência.

O mundo da arte é concreto e vivo podendo ser observado, compreendido e apreciado. Através da experiência artística o ser humano desenvolve sua imaginação e criação aprendendo a conviver com seus semelhantes, respeitando as diferenças e sabendo modificar sua realidade. A arte dá e encontra forma e significado como instrumento de vida na busca do entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos no mundo. (AZEVEDO JÚNIOR, p. 7, 2007).

Assim, enquanto reflexo da realidade social, a arte carrega consigo o determinante fundamental para romper com o sistema de desumanização alimentado por um complexo que se sustenta na exploração e na desigualdade. A sensibilidade e a resistência expressa por meio dos movimentos artísticos revelam a luta pela vivência digna, a resistência popular e a busca pela emancipação.

2.2.1 - A instrumentalidade do Serviço Social e o trabalho transformador

No Brasil, o Serviço Social tem sua origem em 1930, por meio das primeiras escolas de Serviço Social. Ele está inserido no “conjunto das condições e relações sociais que lhe atribuem um sentido histórico, nas quais se torna possível e necessária.” (IAMAMOTO, 1992, p.88). Em um cenário geral, a profissão nasce a partir dos conflitos entre as classes sociais, para atender as demandas do Estado e colocar em prática a ordem capitalista. Seu caráter interventivo, por meio de ações de caráter socioeducativo, se destaca como fundamento da profissão desde o princípio, pois, a partir de então, visava mudanças na vida social e cotidiana dos usuários.

Ao alterarem o cotidiano profissional e o cotidiano das classes sociais que demandam a sua intervenção, modificando as condições, os meios e os instrumentos existentes, e os convertendo em condições, meios e instrumentos para o alcance dos objetivos profissionais, os assistentes sociais estão dando instrumentalidade às suas ações. Na medida em que os profissionais utilizam, criam, adequam às condições existentes,

transformando-as em meios/instrumentos para a objetivação das intencionalidades, suas ações são portadoras de instrumentalidade. (GUERRA, 2000, p. 2)

O Movimento de Reconceituação do Serviço Social foi primordial para possibilitar o aprofundamento teórico-metodológico da profissão, que assim sendo, tomou outras formas para conduzir e planejar as políticas sociais. A perspectiva crítica e os debates acadêmicos, juntamente as entidades representantes do Serviço Social como a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - ABEPSS, o Conselho Federal de Serviço Social - CFESS e os Conselhos Regionais de Serviço Social - CRESS, consolidaram o Projeto Ético Político da profissão e a importância da lei Lei 8662/93 - Regulamentação da Profissão.

[...] tal vertente consolidou a sua hegemonia no debate acadêmico, graças ao esforço de elaboração teórica de um largo elenco de autores e aos estímulos oferecidos pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). E não só: sua influência marcante se faz sentir no sistema institucional que fiscaliza o exercício profissional, organizado na articulação entre o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS) e o exercício profissional, regulado por Lei Federal, é paramentado por um Código de Ética Profissional de caráter imperativo. (NETTO, 2007, p. 137-138)

Além disso,

É importante destacar que à dimensão socioeducativa da profissão perpassa por caminhos de consolidação da autonomia, ao passo que ultrapassa o tecnicismo e permite não só a informação, mas a reflexão sobre a realidade social, a compreensão da dinâmica sociedade de classes, a apropriação de conhecimentos e o consequente controle social. (MATTOS, 2016, p.21)

O vigente Código de Ética do Serviço Social, implementado em 1993, é composto por 11 princípios fundamentais e nos lembra do nosso compromisso como profissionais por uma sociedade livre e autônoma. Nos lembra da busca sempre ativa por uma atuação justa e comprometida com a efetivação dos direitos sociais. Dentre os princípios do Código de Ética do Serviço Social, cabe aqui destacar

I. Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais;

[...]

III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;

[...]

VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças (CFESS, 1993).

Como uma profissão que lida com as mais diversas expressões da Questão Social, a habilidade de reformular as formas de intervenção se torna fundamental para uma melhor atuação. Sem se esquecer do suporte e do direcionamento ético-político, técnico-operativo e do referencial teórico-metodológico, a instrumentalidade profissional encontra refúgio nessas dimensões, que estão interligadas e fortalecem a atuação do (a) assistente social.

O uso da arte no Serviço Social deve ser condizente com os objetivos profissionais, ou seja, requer a utilização de uma arte que vise à superação da ordem e das relações de exploração vigentes. Assim, os objetivos profissionais do assistente social, quando voltados para a emancipação dos sujeitos e somados ao potencial educativo da arte, buscam colaborar para a construção de uma nova e superior hegemonia para a formação de homens mais críticos e conscientes (CONCEIÇÃO, 2010, p.57).

O trabalho transformador, a partir do uso da arte e da prática pedagógica do Serviço Social, como instrumento fortalecedor da ação profissional, revela o caráter educativo de uma mediação que busca despertar a sensibilização crítica nos indivíduos. Para Conceição (2010, p. 65), a educação pode ser usada para construir um novo projeto societário com o objetivo de consolidar uma sociedade mais justa e igualitária.

A utilização da Arte enquanto instrumental é uma prática que pode e deve ser tomada como uma possibilidade no trabalho profissional, porque, atrelada a uma intencionalidade crítica, produz uma prática desveladora do real. (NARCIZO, 2014, p.72)

Ademais, segundo Conceição

A dimensão pedagógica inerente à profissão Serviço Social e o potencial humanizador da arte, quando construídos num sentido de transformação e emancipação dos usuários, podem contribuir para informação e promoção de sujeitos mais questionadores da realidade social, críticos e coerentes. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 51)

De fato, a realidade social é complexa, heterogênea e impacta qualquer tipo de intervenção, inclusive o Serviço Social (SOUSA, 2008, p.124). Entretanto, os instrumentos e técnicas de intervenção da profissão estão em constante movimento,

não definidos e exatos, sendo construídos a partir das finalidades decididas no planejamento da ação sem deixar de lado o elo entre as competências teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa da profissão (SOUSA, 2008, p.124).

Aproximar a formação, a capacitação e o exercício profissional de recursos pedagógicos fundamentados no uso de referências artísticas constrói um elo entre os sujeitos e suas vivências que perpassam pela materialização das emoções sentidas e dos valores que foram construídos a partir disso. Como profissional, o (a) assistente social tem, então, ferramentas necessárias para consolidar o trabalho com o indivíduo baseado na arte e nas atividades voltadas para a criação, onde outras áreas podem se encontrar e fortalecer a articulação entre arte, cultura e emancipação.

Mais precisamente sobre o Serviço Social e o uso de instrumentos didáticos e instrutivos, Barroco (2012) nos lembra que

A formação profissional e a pesquisa supõem o trabalho criativo, a autonomia intelectual, a competência teórico-metodológica fundada em conhecimentos críticos, visando à capacidade de desvelar objetivamente a realidade social em sua essência histórica. Segundos os pressupostos do CE¹⁴, o ensino e a pesquisa devem estar dirigidos por um compromisso ético-político com a objetivação de conhecimentos e de valores que possam contribuir para a ampliação de direitos, da liberdade, da justiça social, da democracia, pretendendo dar visibilidade às particularidades e às possibilidades de intervenção profissional nessa direção. (BARROCO, 2012, p. 101)

Essas e outras possibilidades revelam a importância da interlocução com outras áreas e dimensões da realidade; a necessidade de pensar a profissão em sua articulação com a cultura e a história; de participar da vida cultural ampliando a capacidade de se conectar com motivações que exigem a suspensão da cotidianidade e a apreensão das conquistas do gênero humano. A arte é uma das atividades que mais aproxima o indivíduo dessas possibilidades (Luckás, 1966); por isso a importância desse recurso no trabalho profissional e na formação e capacitação profissional. (BARROCO, 2012, p. 102)

Pensar a instrumentalidade do Serviço Social é permitir, também, pensar nas possibilidades transformadoras de atuação e intervenção profissional. De acordo com Guerra (2004, p. 115-6) “aqui se coloca a necessidade de dominar um repertório de técnicas [...] mas também um conjunto de estratégias e táticas

¹⁴Código de Ética do Assistente Social.

desenvolvidas, criadas e recriadas no processo histórico, no movimento da realidade”.

CAPÍTULO III
OS MOVIMENTOS CULTURAIS NA CEILÂNDIA E A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E
SOCIAL

*Chamaram o síndico
A molecada da Ceilândia atacou de novo
Os menino são do bem mas são ganancioso
E querem encher o bolso
Cheiro de boot novo
Pratear o pescoço
(O síndico - Murica)*

3 - OS MOVIMENTOS CULTURAIS NA CEILÂNDIA E A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

Considerada a cidade mais populosa do Distrito Federal, a Ceilândia, Região Administrativa IX do Distrito Federal, é reconhecida, também, como um polo repleto de história e cultura. Seu potencial como polo cultural nordestino lhe rendeu características intrínsecas trazidas por seus fundadores, como a música, a poesia e a dança. É a única cidade fora do Plano Piloto (área central de Brasília) que possui um monumento arquitetônico de Oscar Niemeyer, a famosa Casa do Cantador, onde acontecem apresentações de repente, embolada, exposições de história de Cordel, entre outras atividades que representam, inclusive, o ceilandense.¹⁵

A história da Ceilândia começa em 1971, quando, após a solicitação do então governador Hélio Prates da Silveira, foi iniciada a Campanha de Erradicação de Invasões. Daí então surge o prefixo “CEI” e logo em seguida o sufixo “Lândia”, derivado do inglês *Land* (cidade). O objetivo da campanha de Prates era remover as famílias que viviam de maneira informal nas proximidades do Plano Piloto, com o intuito de conservar a boa imagem e a integridade da área central. Famílias essas que vieram de várias partes do país, inclusive e majoritariamente do nordeste, para auxiliarem na construção de Brasília.

"A Campanha de Erradicação de Invasões, é exemplo de uma iniciativa oficial de "desfavelamento" do Plano Piloto, criada em 1971 a CEI-lândia [Ceilândia], na suposta intenção de absorver invasões. Prometida como um espaço digno de habitabilidade (...) somente seis anos depois de criada é que Ceilândia oferece água encanada aos seus moradores e, a partir de 1983, a rede de esgotos começa a ser instalada." (RESENDE, 1985)

"[...] As famílias receberam orientações sobre a mudança. Era realizada marcação na porta do barraco a ser removido e entrega de um aviso, assim como o atestado de dispensa do trabalho por cinco dias e a guia de transferência ou matrícula escolar dos filhos. Os casos atípicos eram solucionados por assistentes sociais. Foi programada a transferência de 35 barracos por dia, mas nem sempre cumprida pelo número de invasores, chegando a 120, com a ajuda da própria população. Nas primeiras semanas Ceilândia era um amontoado de tábuas, utensílios domésticos, móveis, plantas, barracas, e mulheres cozinhando improvisadamente. Trabalho árduo, cansativo, porém gratificante. A remoção dos invasores foi concluída em março de 1972." (ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL)

¹⁵Ceilândia 51 anos: A cidade mais populosa do DF mostra a importância da cultura e da educação. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/reitori/30039-ceilandia-51-anos-a-cidade-mais-populosa-do-df-mostra-a-importancia-da-cultura-e-da-educacao>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Ainda há muito o que ser feito pela Ceilândia e pela população que ocupa esse território. A caixa d'água, símbolo registrado e patrimônio histórico da cidade, é, até os dias de hoje, a representação de um povo que lutou e ainda luta para ter condições mínimas de vida, pois quando as famílias foram realocadas, não havia, sequer, rede de água e esgoto na região. Os índices de violência da época mantinham o preconceito e o estigma em relação à cidade – a exclusão e a rejeição da população mais pobre.

A construção da identidade ceilandense passou pelo processo de reconhecer seu povo por meio de um potencial de sobrevivência e superação devido aos conturbados movimentos vividos pela população, impostos pelo poder político da época, e ainda assim, viveram anos sem serem reconhecidos de forma constitucional como habitantes de uma cidade merecedora de condições justas e dignas de vivências.

Na Ceilândia, o processo de construção da identidade assumiu o papel de cimento social e de escudo contra a rejeição, a exclusão e a segregação impostas pelo centro político-administrativo. A identidade ceilandense forjou-se na rua – o espaço público, por excelência – o que a reveste, simultaneamente, de um potencial explosivo, mas ao mesmo tempo de uma dimensão passional e potencialmente criativa que se pauta, sobretudo, no orgulho oriundo do sentimento de vitória na luta pela sobrevivência e pela superação dos desafios impostos à população da Ceilândia. Embora desprovida do status constitucional de cidade, é assim que a Ceilândia é tratada por seus habitantes, que viveram na clandestinidade identitária por longos anos, devido ao estigma da criminalidade, da violência, da pobreza e da precariedade que pairava sobre a região. (PERES, BESSA, 2017, p. 8)

Foi então que, entre os anos de 1980 e 2000, o movimento do rap e do hip-hop começou a acender na Ceilândia como fonte de diversão da juventude da época. De acordo com Tavares (2009)

Nos anos 80, as cidades do Distrito Federal possuíam poucos recursos destinados às atividades de lazer para a juventude, dessa forma a cidade de Ceilândia se destacava como um referencial para a compreensão da juventude que frequentava os chamados “sons”, que ocorriam normalmente em casas de particulares aos sábados. Estas festas familiares reuniam a vizinhança. Dificilmente alguém buscava diversão fora da cidade. (TAVARES, 2009, p. 108)

O hip hop e a Ceilândia firmaram uma conexão própria que se tornou característica da cidade. Vários grupos de rap foram formados por jovens - como o grupo Câmbio Negro, criado em 1990 e o Viela 17, criado em 2000 - que tinham o

intuito de validar a resistência da população periférica, reafirmando pautas sociais e denunciando os problemas enfrentados pela população, como o racismo e a violência urbana entre os jovens, transformando a música, nesse contexto, em um instrumento potencializador do discurso conscientizador (TAVARES, 2009).

O grupo Câmbio Negro marca o período de estruturação do rap produzido no Distrito Federal e no país, junto com outros grupos, como Racionais Mc, de São Paulo, e MV Bill, do Rio de Janeiro. Tal grupo, criado por jovens negros de Ceilândia, produziu um rap que atingiu diversas camadas sociais, inclusive as classes médias [...] Trata-se da construção do imaginário da periferia da capital do país, que reproduz todo um quadro de exclusão social, objeto do discurso crítico frente a toda segregação social típica das grandes metrópoles, como ocorrido no Distrito Federal ao longo de sua trajetória. (TAVARES, 2009, p. 98)

Apesar de todo o estigma em relação aos grupos que se formavam, de acordo com Tavares (2009), a luta pela conquista de espaço no meio cultural e político fez com que houvesse uma redefinição da imagem social desses grupo junto aos meios de comunicação, como aconteceu com o grupo Câmbio Negro, em 1994. Segundo o autor, “o grupo, que outrora era citado nas páginas policiais do caderno “Cidades”, passa à matéria de capa dos cadernos de cultura, o “Caderno Dois””.

Atualmente, a cidade consolidou sua relação com o hip-hop e conta com uma diversidade de eventos que abrange a todo tipo de público. Além dos eventos que são feitos para e pela juventude periférica, a Ceilândia também conta com outras comemorações culturais que tornam os espaços públicos em verdadeiros espetáculos carregados de muita música, cor e alegria. Um dos grandes eventos que acontecem na cidade periodicamente é o Maior São João do Cerrado, festival junino que celebra a cultura nordestina.

Todos eles ensejam tanto aos artistas quanto a população a oportunidade de consolidar o potencial cultural da cidade, seja por meio da formação de grupos musicais que carregam em suas letras a dor e, ainda assim, o orgulho de pertencer a determinado território, seja por meio do fortalecimento da tradição histórica e cultural de um povo que foi acolhido com fraternidade, sem se esquecer que fazer parte desses movimentos é, também, lutar pelo direito à cidadania.

3.1 - O direito à cultura como direito fundamental

Como citado anteriormente, o acesso à cultura é um direito fundamental garantido pela Constituição Federal do Brasil. Mesmo que não carregue uma definição precisa, a cultura se entrelaça com o pleno desenvolvimento da pessoa humana, o exercício da cidadania, o respeito aos direitos humanos e ao pluralismo ideológico. De acordo com o artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948) “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”. Assim como diz Varella (2014)

São os direitos culturais que permitem o respeito à dignidade, a partir do reconhecimento da identidade do indivíduo e o aproveitamento de suas qualidades. Além disso, são considerados essenciais para preservar alguns dos pilares da dignidade humana, como igualdade, integridade física, moral e social, liberdade e solidariedade. (VARELLA, 2014)

Como instrumento de reafirmação das identidades, a cultura deve ser vista como condição de cidadania e oportunidade de validação da cultura e vivência local dos sujeitos. Dessa maneira, é importante entender que “afirmar a cultura como um direito é opor-se à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégios de classe” (CHAUÍ, 2006, p. 138).

Embora essencial para o desenvolvimento humano e social, a cultura tem sido negligenciada pelo poder público por meio da ausência de políticas públicas que fortaleçam a democratização do acesso a atividades legitimadas socialmente como culturais (PESTANA, 2011). Não se trata apenas de pensar em maneiras de levar eventos a preços acessíveis, por exemplo, as periferias e regiões marginalizadas. É sobre considerar a busca pela igualdade e reconhecimento à diversidade, sem deixar que a diferença entre classes e grupos sociais consolide o acesso à cultura como isolado e excludente.

[...] os direitos fundamentais culturais devem ser compreendidos restritivamente, emparelhados com outros tipos de direitos (econômicos, sociais, de liberdade, por exemplo), a fim de garantir-lhes um reconhecimento explícito, com o objetivo de torná-los efetivos e facilmente identificáveis (CUNHA FILHO, 2011, p. 36).

Se tratando especificamente da Ceilândia e da juventude ceilandense, compreender a forma como os jovens consideram o acesso à cultura nos permite pensar nas particularidades da vivência jovem em uma cidade que carrega consigo marcas de um passado, e até mesmo do presente, carregado de negligência e preconceito. Por muito tempo a cidade foi vista como um lugar ruim, perigoso, e distante de qualquer possibilidade de ser referência cultural, principalmente para a juventude.

A dissertação de mestrado da professora e pesquisadora Sandra Maria Rodrigues, que aqui resumo, de forma sucinta, trata sobre o estudo da história das mulheres a partir da Educação Patrimonial com base na construção da cidade de Ceilândia e o papel desempenhado pelas mulheres como transmissoras de valores, conhecimentos e histórias na região administrativa.

Sandra também relata ações desenvolvidas em uma turma de 2º ano do ensino médio do Centro Educacional Incra 09, instituição pública de ensino, localizada na zona rural da cidade. Na parte final do trabalho, a professora expõe suas considerações finais, nos fazendo refletir sobre a importância da reafirmação do papel pedagógico dentro e fora da sala de aula e do acesso a bens e patrimônios culturais pela população que vive à margem do centro. Para ela,

Ter alunas e alunos da educação básica como protagonistas de ações como as descritas no trabalho contribui de forma que vai além dos muros da instituição de ensino, no sentido de que a prática pedagógica tende a fazer parte das práticas sociais. (RODRIGUES, 2021)

Além disso, Sandra entende que

[...] a construção da pesquisa oportunizou um aprofundamento no entendimento histórico dos estudantes sobre o território onde moram, um entendimento maior também dos conflitos sociais presentes em Ceilândia, conflitos que impõe barreiras e distanciamentos visíveis e invisíveis e que exigem uma constante luta por direitos, inclusive direitos sobre um patrimônio cultural que carregue suas memória e identidades. (RODRIGUES, 2021)

Nas palavras de Cavalcante (2011), de acordo com o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais

O art. 13 assegura o direito à educação, orientado para o pleno desenvolvimento da pessoa humana e do sentido de sua dignidade, visando

ao fortalecimento e ao respeito pelos direitos humanos, ao pluralismo ideológico, às liberdades fundamentais, à justiça e à paz. (CAVALCANTE, 2011, p. 244)

Portanto, é evidente a essencialidade do acesso à cultura pela periferia. É esse acesso que permite à população marginalizada, principalmente à juventude, ingressar em um mundo desconhecido, até então, mas repleto de perspectiva para além dos obstáculos invisíveis que separam a periferia do centro. Um mundo cercado de cor, música, letra, ritmo e principalmente de oportunidade. Oportunidade para ser visto, ouvido e reconhecido. Porque é isso que a cultura faz, dignifica o ser por meio do direito à identidade cultural e da liberdade de criação e expressão.

3.1.1 - Metodologia e o processo de coleta das informações sobre os movimentos culturais da juventude na Ceilândia

A monografia trata-se de uma pesquisa documental, de natureza qualitativa, fundamental para compreender o objeto de estudo e abranger uma maior quantidade de dados de maneira assertiva. De acordo com Creswell (2007, p. 184), os procedimentos qualitativos “têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação”. O trabalho também se firmou na revisão bibliográfica integrativa, que tem como objetivo sistematizar e interpretar dados e informações. Por meio dessa revisão é possível aprofundar os conhecimentos em uma área específica de estudo, reunindo referências importantes para o tema escolhido.

A metodologia se desenvolveu por meio de um mapeamento bibliográfico com o intuito de reunir as produções teóricas sobre arte e Serviço Social, considerando desde artigos até teses de doutorado, permitindo, assim, que fosse possível utilizar a revisão bibliográfica integrativa como instrumento de construção da monografia, prezando pela arte da diversidade no uso de metodologias e pela cautela no processo de reunião e síntese dos resultados dos estudos em relação ao tema.

Foram realizadas, também, entrevistas de esclarecimento com atores-chaves da pesquisa, a partir de roteiro de perguntas semi-estruturado, sujeitos e profissionais engajados em movimentos culturais da cidade de Ceilândia, que começaram sua jornada para se tornarem agentes sociais como alunos de oficinas oferecidas pelo programa Jovem de Expressão e como

telespectadores/participantes/organizadores das batalhas de rima que aconteciam próximas a cidade e no entorno.

As entrevistas foram resguardadas pelos cuidados éticos e metodológicos na elaboração da pesquisa. A princípio os entrevistados tiveram um momento para ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. O corpo do termo esclarece de forma breve o intuito da pesquisa e reafirma: a) participação voluntária, sem qualquer incentivo financeiro, b) a proteção das informações fornecidas, c) colaboração com a pesquisa e autorização do uso das informações prestadas para a finalidade de estudos acadêmicos e d) o participante pode, a qualquer momento que julgar necessário, contatar a orientanda por email. Cada entrevistado recebeu uma cópia do termo assinado, cientes de que a entrevista seria gravada em forma de áudio. Todos concordaram em participar.

De início, o contato com os entrevistados aconteceu por redes sociais e assim as entrevistas foram marcadas previamente em dia e horário cabível para as partes. Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente. A primeira entrevista aconteceu no mês de outubro de 2023, na Universidade de Brasília, no período da manhã e durou 30:30 (trinta minutos e trinta segundos). A segunda e a terceira entrevista aconteceram, também no mês de outubro e tiveram duração de 17:23 (dezessete minutos e trinta segundos) e 18:45 (dezoito minutos e quarenta e cinco segundos, respectivamente). A terceira entrevista aconteceu em novembro e durou 23:38 (vinte e três minutos e trinta e oito segundos). As três entrevistas aconteceram em uma espaço de uso coletivo do Jovem de Expressão, no período da tarde.

Não foi possível obter respostas de alguns possíveis participantes, o que dificultou o processo de coleta das informações e reforçou a procura por pessoas que se encaixassem no perfil adequado de acordo com o tema da monografia. Essas entrevistas foram fundamentais para sedimentar o propósito do trabalho e materializá-lo como pesquisa. Mesmo sem ligação direta, o histórico desses jovens é bem parecido e o intuito final de ascender por meio de arte e do acesso a cultura, também.

Em relação às perguntas, algumas questões como “como tudo começou?”, “como você conheceu esse movimento?”, “quem produz esse evento?” e “esse evento se conecta ao movimento de emancipação?” foram centrais para guiar o andamento das entrevistas. Além disso, serviram de ponto inicial para o começo do diálogo, que, de forma dinâmica, acabava se tornando um bate-papo, e com o

compartilhamento de ideias foi possível coletar um número maior de informações sem necessitar de questionamentos previamente formulados e de uma apuração mais restrita do tipo de resposta.

3.2 - POESIA MARGINAL, GRAFITE E O HIP-HOP: a superação da invisibilidade social da juventude periférica

Questionados sobre o ponto de partida para o envolvimento com a arte e os movimentos culturais, a resposta de jovens diferentes e aparentemente sem a mínima ligação se expôs em uníssono em um panorama geral das entrevistas. Não era só para passar o tempo ou porque era divertido, era sobre visibilidade. A resposta dos entrevistados incluíram palavras e frases como “compartilhar”, “sair da bolha”, “vivência” e “informar sobre a realidade”.

A arte e o acesso à cultura se tornaram porta de entrada para diversas possibilidades para esses jovens, que enxergam por meio da poesia marginal¹⁶ ou do hip-hop a chance de estarem próximos da ascensão social, cultural e política. O potencial transformador da arte amplia o campo de vivência e o ensejo de vida de quem ocupa a base desses movimentos. Amplia a visão de uma juventude ambiciosa por mudança, conhecimento e ascensão.

Há uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexos entre poesia e público. Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial (HOLLANDA, 1988, p.10).

[...] essa volta à primeira pessoa, a escrita da paixão e do medo enquanto resposta crítica, mostra-se um caminho eficaz no sentido de romper o silêncio e a perplexidade que tomaram de assalto a produção cultural no início da década [de 1970]. Assim, o foco da crítica social passa do plano das ideias para o interior da vivência cotidiana sentida na riqueza de sua dimensão política. O sentimento da asfixia experimentado no dia-a-dia é trabalhado com amor e humor. (HOLLANDA, 1982, p. 54)

Sendo cantada ou declamada é assim que a poesia consegue fascinar, não só, mas, jovens periféricos, que se encontram como indivíduos por meio do elo

¹⁶A poesia marginal no Brasil, também conhecida como Geração Mimeógrafo, nasceu de um movimento artístico na década de 1970, durante o período de repressão da ditadura. Ela tem o intuito de questionar os valores tradicionais da literatura e das artes. Dentre as principais características desse movimento estão: inspiração nos movimentos de contracultura, produção cultural fora dos padrões e uso da ironia, do humor e de gírias.

cultural e da reafirmação da visibilidade social mediante a cidadania. O encontro deles com o movimento é o ponto de partida perfeito para começar uma jornada rumo à construção da identidade social e do reconhecimento que eles almejam como jovens periféricos e como artistas em ascensão, prontos para transformar a realidade social que os cerca e se tornarem capazes de construir um futuro firmado em autonomia e dignidade.

“Eu comecei a colar nas batalhas com 15 pra 16 anos mas não fazia [parte]... Só observava, achava bonito, achava legal, achava interessante. Mas não me achava capaz. Quando eu cheguei ali pros meus 17 anos de idade, eu conheci uns moleque no ensino médio que já rimavam. A gente rimava na escola, brincando e pá. Fazia um freestylezinho ou outro mas aquilo ali também já foi um incentivo. E aí eu conheci a Batalha da Escada [...] Já era uma referência pra mim. Já era uma das coisas que me fazia querer entrar na UnB [...] pra fazer meu nome na Batalha da Escada. [...] Quando eu entrei na UnB, eu comecei a frequentar a escada primeiro mostrando minhas poesias, ganhando espaço com a organização, virando amigo da galera, trocando ideia, até o dia que eu decidi botar a cara a tapa pra rimar... E aí foi quando virou minha vida de vez. Quando eu decidi começar a rimar, eu enxerguei perspectivas que eu não enxergava ainda pra minha arte. Eu sempre quis ser artista [...] Eu vi o potencial transformador que esse bagulho tem.” (Entrevistado 1)

É indiscutível o quão rico o arcabouço cultural pode se tornar por meio da emancipação da juventude. É inegável e incomparável que o anseio pela transformação por meio da arte se faz presente nos movimentos culturais estruturados pela juventude periférica, que se fortalece e se torna cada vez mais capaz de lidar com os desafios de uma realidade desajustada e adversa. O orgulho de poder mudar, mesmo aos poucos, o lugar de onde vem, expõe o potencial de ação de jovens que querem transformar a própria realidade, e a dos outros também.

“[...] É aí que eu vejo a importância do rap, né... A palavra cantada [...] Ela toca numa camada muito específica de quem escuta, que é a camada da ação, muitas vezes... [...] Você vai escutar e se aquilo ali te tocar, mano, vai ser um processo natural até aquilo ali te fazer agir em prol do movimento, em prol daquilo que tá sendo dito. De alguma forma eu sinto que o rap tem o potencial de tocar uma camada mais profunda que outros estilos musicais não tem [...] Tem todo esse potencial transformador, né? Porque a quebrada, nesse contexto, ela é muito pura. Ela traz as verdades dela, ela não tem porque esconder, porquê botar em meias palavras [...] O rap me buscou [...] É uma cultura que me abraçou, que me deu uma perspectiva, que me deu uma carreira e que me deu muitos sonhos.” (Entrevistado 1)

O entrevistado 1, que é MC representante da Ceilândia e do DF por onde passa, carrega consigo o orgulho de levar para outros Estados um pouco da cultura local e da vivência que concentra no peito ao longo dos anos. O que era apenas

diversão na escola, hoje é porta de entrada para que ele participe de eventos e outras batalhas pelo país, levando o nome da Ceilândia e do Distrito Federal como referência e espaço para o que ele denomina de “rima política”. O DF hoje, conta com inúmeras batalhas de rimas. Recentemente, a Secretaria de Cultura do DF publicou o edital “Invadindo a Cena: Batalhas de Rima do DF e Entorno”, que vai premiar 20 batalhas com R\$15 mil cada.¹⁷

O entrevistado 3, trabalha como produtor de audiovisual e compartilhou a importância de ter se inserido nos cursos oferecidos pelo Jovem de Expressão e pela oportunidade de trabalhar na produção do Elemento em Movimento, maior evento de hip hop no Distrito Federal, que acontece em Ceilândia. Mais detalhes sobre o evento serão discutidos no próximo tópico.

“[o grupo]... era um grupo de grafiteiros e pixadores da Ceilândia, que tinha vários tipos de arte, não só arte no muro, também tinha seus escritos. A gente se reunia, trocava ideia, falava [de] poemas nossos e tal [...] A gente fazia esse movimento totalmente independente, feito por nós mesmos, assim... [...] Tinha eu como mestre de cerimônia (MC) [...] Fui chamado pra ser MC do próprio Elemento em Movimento e também trabalhei na produção [do evento] porque fiz curso aqui, né [no Jovem de Expressão] [...] e eu fui um desses alunos, de outros cursos também aqui do Jovem e acabei entrando no Elemento [...] e acabei sendo inserido no Jovem de Expressão.” (Entrevistado 3)

A entrevistada 4 compartilhou um pouco do caminho que percorreu até chegar onde está atualmente, fazendo parte da equipe do Jovem de Expressão como profissional do Serviço Social. A assistente social contou um pouco das trocas e experiências que viveu desde criança em relação aos movimentos culturais, como isso a impulsionou quando adolescente e como o próprio Jovem impactou a escolha pelo Serviço Social como profissão.

“Então, eu participo de movimentos culturais desde criança [...] Comecei a participar de um projeto social de uma escola de samba de Ceilândia [...] Com uns 15 anos eu conheci o Jovem de Expressão. Eles fizeram uma apresentação na escola, uma batalha de rap. Aí falaram que tinham as oficinas, tal.. Aí como era perto da minha casa eu vim conhecer. Comecei a fazer danças urbanas [...] fiz produção cultural... Depois que conheci não saí mais [...] O Jovem sempre foi muito presente na minha vida e me salvou, né? Porque me deu várias oportunidades e hoje eu tô aqui como assistente social... Acho que também foi muito disso, de perceber a importância desses projetos na vida das crianças, dos adolescentes,

¹⁷Bolada para quem ganhar batalha de rima. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/do-alto-da-torre/bolada-para-quem-ganhar-batalha-de-rima/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

porque se não tem esses projetos, eles acabam não tendo o que fazer, seguindo outros caminhos que às vezes não são bons... Então é muito importante esse espaço e foi aí que eu decidi fazer Serviço Social.” (Entrevistada 4)

Logo após as perguntas sobre como ocorreram os primeiros contatos com os movimentos, os questionamentos se voltaram para um sentido mais restrito. Os entrevistados foram questionados sobre os impactos dos movimentos culturais na periferia e distribuição de oportunidade para que jovens periféricos tenham acesso a educação de qualidade, a oportunidade de trabalho e crescimento no meio cultural, por exemplo, como acontece com os alunos que realizam os cursos oferecidos pelo Jovem de Expressão.

Foram citados o Festival Elemento em Movimento e o Sarau Voz e Alma (Sarau VA). Os questionamentos acerca dos eventos tinham o objetivo de informar os responsáveis pela produção, como esses eventos se constroem, como eles se conectam ao movimento de emancipação da juventude e como eles impactam a vida de jovens periféricos.

Eles foram questionados, também, sobre o cenário acerca das políticas públicas e possibilidades de investimento por parte, tanto do estado, como agente político, como de personagens importantes que lutam pela efetivação dos direitos sociais, como os assistentes sociais, professores e educadores, e de que forma as respostas e os impactos desses investimentos podem ser visualizados a curto e a longo prazo.

“Em Belo Horizonte, agora quando eu fui pra lá pra rimar [...] tinham vários mcs tentando me convencer a ficar na cidade [...] Eles viraram pra mim e falaram “não pô, aqui em BH mc que não trabalha é porque não quer. Porque a gente tá com uma parceria muito forte com a Secretaria de Estado de Educação de Belo Horizonte... Então os mcs da cidade que alcançam algum mínimo de destaque ou de tipo assim, de consciência das rimas deles, eles viram oficinairos nas escolas públicas de Belo Horizonte” [...] O hip-hop ele tá presente nas escolas de BH. [...] O aprendizado é a solução. O sistema de ensino, ele é muito falho, em diversos momentos. E eu acho que uma das formas de ir aprimorando esse sistema falho, é criando esse tipo de oportunidade e possibilidade dentro de uma escola. [...] A partir do momento que você traz pra dentro da escola [...] uma cultura pro sistema básico de ensino, isso é uma forma de fomentar a cultura a longo prazo. [...] Quanto mais pra base a gente trazer esse acesso [...], quanto mais lúdico também a gente é a partir disso [...] a gente já fomenta a cultura de uma forma muito enriquecedora.” (Entrevistado 1)

“Eu acho que assim... Falar especificamente, assim, é meio difícil... pois... tipo assim, os impactos reais do Jovem de Expressão ao longo desses anos são vistos assim né, tipo, essas pessoas que você vê entrando [no Jovem de Expressão] são pessoas que passaram por aqui, eu por exemplo [...]

Não só nós que estamos aqui no Jovem e fazendo o Jovem acontecer, mas as pessoas que vêm aqui e que tão circulando em outros lugares [...] Os impactos sociais na quebrada eles só são vistos a longo prazo [...] Dignidade social, filosófica, cultural, é um impacto que você vai vê com o tempo. São sementes que você vai plantando e que os frutos vão sendo colhidos com o tempo. A gente aqui na quebrada tem essa parada do imediatismo, então tipo assim, você não tem como chegar num adolescente e falar “ou vamo fazer um curso aqui pro seu futuro aqui e tal”... Só lá na frente ele vai ver pessoas que fizeram esse curso etc, e tiveram esse resultado, né, então tipo... Ainda tem tempo, né. Então eu acho que é isso. São os exemplos que são vistos todos os dias, não só das pessoas que passaram por aqui, mas das coisas que são feitas, tanto culturalmente quanto afirmativamente [...] As coisas acontecem, as pessoas veem essas coisas acontecendo. Por mais que as pessoas não participem, elas tão sendo impactadas [...] Tão sendo impactadas de alguma forma.” (Entrevistado 3)

“A existência do Jovem de Expressão ela é legal mas ela vem de um buraco que o estado deixa né, com essa questão de não ter políticas públicas pra essa faixa etária, vamos dizer assim, efetivas, então acaba que o terceiro setor vem com essas ações pra tentar tapar esse buraco, essa lacuna, que o estado deixa, né... É eu acho que é uma forma de comprovar que a cultura, a educação, ela consegue transformar a comunidade né, o acesso... Então eu vejo muito assim, o Jovem de Expressão é um dos poucos projetos, assim, que atua há tanto tempo e não fechou, né. Porque tem muitos projetos que inicia e acaba não conseguindo se manter e acaba fechando, né. E pra esse público, porque a gente vê muitas políticas públicas voltadas pra infância, mas parece que quando você [vai pro] ensino médio você já é adulto e você que se vira. Mas é entendendo que [...] precisa pensar em política públicas, incluir esses jovens, não só no mercado que é dado pra gente de servir, mas também incluir em universidades e até mesmo na formação pro mercado cultural, porque tem muitos jovens da área artística, da área cultural, que acaba não se engajando nessa área porque não vê um futuro, por conta de valorização da arte e da cultura”. (Entrevistada 2)

“O Jovem contribuiu muito pra [...] mostrar que a nossa voz é potente, dá autonomia, dá visibilidade pras ideias dos jovens [...] É muito importante ver que existem espaços que tão se importando com o que os adolescentes estão querendo [...] É super importante né, a gente como assistente social mostrar outros caminhos que podem ser possíveis. Não é aquilo que o sistema coloca pra você, né. Porque o sistema não quer que preto e pobre se forme dentro da universidade, porque o conhecimento liberta, né? O conhecimento é uma forma de emancipação. [em relação ao Serviço Social e emancipação] Eu acho que tem tudo a ver, porque precisa ter essa mediação, deles [jovens] terem conhecimento dos seus direitos, dos seus deveres... E também de proteção mesmo né [...] a gente enquanto assistente social [...] tá aqui pra mediar essas questões.” (Entrevistada 4)

Muito mais do que só um programa na periferia que busca ajudar jovens adultos, é notável o quanto o Jovem de Expressão se tornou uma ferramenta para fortalecer e sedimentar a caminhada da juventude até a emancipação. E o melhor disso tudo, por meio de atividades de cunho cultural e educacional, onde o melhor é explorado e o potencial de cada um é reconhecido. É possível perceber que a

caminhada dos quatro jovens entrevistados, que começaram como alunos do programa, se tornou, também, uma jornada de autoconhecimento.

Seja por meio da poesia declamada, da arte deixada nos muros ou da palavra cantada, a juventude consegue se reinventar a cada dia e se reafirmar como uma categoria capaz de lutar por si só. Oferecer espaço para que ela seja ouvida e acolhida é também oferecer uma chance de futuro, no meio artístico, cultural, social, sem deixar, por meio do potencial transformador e da sensibilização crítica, o sonho de emancipação e autonomia morrer.

3.2.1 - Considerações sobre o festival Elemento em Movimento e o Sarau Voz e Alma (Sarau VA)

Que a Ceilândia carrega consigo um arcabouço cultural é inegável. A identidade cultural da cidade revela a essência de um território que guarda muitas memórias e diversas características trazidas por seus fundadores. Como mãe, a cidade abraça os vários estilos que se estabelecem pelas ruas, representando o melhor e o mais puro significado da palavra “multicultural”. E não foi diferente com o Hip-Hop. Os movimentos culturais na cidade e os projetos sociais são figuras importantes na consolidação da luta para descentralizar a cultura e promover a inclusão social.

O Festival Elemento em Movimento é um projeto realizado pela Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS). O projeto surge com a proposta de descentralizar o acesso à cultura e dar visibilidade à arte periférica, além de “contribuir para o reconhecimento da comunidade, a valorização da cultura de rua, o enfrentamento da discriminação e do preconceito, o desenvolvimento da cidadania e do protagonismo juvenil”¹⁸.

A equipe do projeto é formada por alunos das oficinas do Jovem de Expressão - oficina de produção, cenografia, roadie, produção cultural, dança, teatro - de forma colaborativa, para que a juventude da própria comunidade possa ter perspectiva de prática sobre o que foi desenvolvido durante as oficinas e para que eles tenham autonomia para pensar sobre a estrutura do festival, que, inclusive, é um festival de grande porte fora do Plano Piloto.

¹⁸Elemento em Movimento. Disponível em: <https://www.selosocial.com/projeto/3883>. Acesso em: 13 nov. 2023

O Festival se consagra como uma grande festa, feita para a periferia e pela periferia, com entrada gratuita, que carrega um fundamento social importante além da celebração do acesso à cultura. São promovidos vários debates no evento que perpassam por pautas que dizem respeito à periferia, à formação social e cultural dos indivíduos, aos direitos humanos e até mesmo à economia.

Os efeitos da implementação desse tipo de evento são vistos através do processo e do desenvolvimento da cultura dentro da cidade, além do incentivo a arte urbana e a diversidade artística cultural. Além disso, os debates fortalecem não só a juventude, mas a comunidade como um todo, viabilizando a ação por meio do papel político de cada indivíduo na defesa dos direitos sociais.

Fundado em 2013 como um espaço de partilha entre amigos, o Sarau Voz e Alma nasceu a partir da reunião de jovens que buscavam compartilhar seus escritos e poesias e necessitavam de um espaço próprio para falarem e serem ouvidos. A ideia do sarau surgiu como uma extensão da ideia de um grupo de grafiteiros e pixadores de Ceilândia que considerava vários tipos de arte, envolvendo a escrita nos muros e declamação de poesia.

Inicialmente o grupo de amigos se reuniam em um bar na Praça da Bíblia, no setor P Norte, em Ceilândia. A região conta com aproximadamente 15 praças, e essa é uma das mais conhecidas. Foi fundada em 30 de novembro de 2007, no Dia do Evangélico e a ideia principal do ponto era atender a comunidade evangélica da cidade. Entretanto, com o passar dos anos, a própria comunidade adotou o local como um espaço cultural diversificado. Hoje, o espaço é ocupado por eventos de samba, rap, reggae, poesia e até mesmo por circos e parques de diversões.

O intuito principal do sarau de início era, para o grupo, compartilhar as próprias vivências e ideias entre amigos. Com o tempo, o grupo foi abrindo espaço para que outras pessoas fizessem parte do movimento. Depois que o evento tomou uma proporção maior, a intenção passou a permear o ideário de abrir espaço para um evento diferenciado do que é o comum, do formato tradicional de sarau. Ademais, para se desfazer do espaço limitado e elitizado quando se trata de arte e cultura e ser meio de comunicação e veiculação da cena cultural periférica.

O evento consegue evidenciar sua essência por meio da oportunidade dada a diversidade cultural e aos jovens artistas periféricos, que podem contar com um espaço resguardado para fugir do padrão de produção literária, utilizando a linguagem periférica, dialetos locais e até as gírias, e compartilhar as nuances da

vivência como juventude periférica por meio da poesia marginal. Até a fundação do Sarau VA, a Ceilândia não tinha contato com esse tipo de movimento, um sarau público, onde as pessoas podiam entrar e participar.

A programação do evento inclui a tríade formada por mestre de cerimônia, poeta e DJ, que anima a festa tocando rap ou funk. Existe um espaço, também, para os poetas da comunidade e o microfone se torna instrumento de democratização da fala. Jovens, homens e mulheres, compartilham suas letras, carregadas de verdade e emoção, com o público que se forma na praça para apreciar o evento. O público do sarau é bem diversificado, chamando a atenção das crianças, principalmente dos jovens, dos adultos e até dos idosos. De forma indireta, a praça acaba recebendo um fluxo maior de pessoas, favorecendo o comércio local.

A edição de 2023, que aconteceu de março até junho, comemorou os 10 anos de existência do sarau como um evento de resistência e que hoje é palco e, desde sempre, é um espaço seguro e receptivo para dar voz a quem é, muitas vezes, silenciado.¹⁹ Atualmente o evento ocorre de forma esporádica, sempre gratuito, em espaço aberto e onde qualquer tipo de público é bem-vindo. O evento é fonte de inspiração para outros movimentos na cidade, como o Maria Perifa e o Samba na Comunidade.

¹⁹NOVA TEMPORADA DO SARAU-VA NA PRAÇA DA BÍBLIA, EM CEILÂNDIA - DF. Disponível em: <https://www.portalconteudo.com.br/post/nova-temporada-do-sarau-va-na-pra%C3%A7a-da-b%C3%A4blia-em-ceil%C3%A2ndia-df>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da monografia é possível constatar os processos nos quais a arte está inserida e a importância dela para a emancipação humana que se reflete na emancipação política e social dos indivíduos. O sistema capitalista encontrou na alienação a chave para transformar o homem em um ser responsável apenas por modificar a natureza e ser mão de obra para o capital. Mas é por meio da arte que a humanização dos sentidos acontece e a alienação se desfaz, dando uma nova visão de mundo ao indivíduo por meio da sensibilização crítica e da aceitação da capacidade de sentir.

Desde os anos 1990, os movimentos culturais no Brasil se apresentaram como uma oportunidade de afastar a juventude das estatísticas de violência e dos estigmas que circundam a população vulnerável. O acesso à cultura e a arte foram fundamentais para introduzir crianças e jovens em atividades, que até então, não eram vistas como ferramentas de emancipação. As Organizações Não-Governamentais (ONGs), principalmente, fomentaram o encontro entre arte e cultura como estratégia de enfrentamento das expressões da questão social e como forma de chamar a juventude em direção aos direitos sociais.

A Ceilândia é uma cidade muito rica culturalmente e isso se deve ao grande movimento que os grupos sociais da cidade fazem em *prol* da diversidade e da construção da imagem social do território como um espaço a ser respeitado e acolhido para além dos estereótipos. No passado, parte da população mentia para não dizer que morava na cidade e hoje é possível notar o orgulho na fala de quem faz parte dela. A juventude, que um dia lidou com tamanho descaso em solo ceilandense, no início de tudo, atualmente carrega o nome da cidade estampada em camisetas e bonés, como adultos, não escondendo o apreço e o amor que sente, repassando esse sentimento às novas gerações.

As entrevistas foram fundamentais para perceber esse sentimento de orgulho pela cidade que já sofreu discriminação de todos os cantos. Se antes havia a negação de ser parte desse território, nos dias de hoje observa-se uma juventude orgulhosa de construir tanta coisa em nome da Ceilândia. O histórico dos sujeitos e profissionais diz muito sobre a forma como a arte, a cultura e o desejo por emancipação impactaram cada um deles. O que era diversão, virou estudo, o que era estudo virou trabalho e o trabalho se consolidou como possibilidade de se

reafirmar como jovem com potencial transformador dentro da própria “quebrada”, como eles dizem.

Não há dúvidas que a arte possibilita ao Serviço Social formas de atuar de maneira inovadora, reforçando seu papel transformador na sociedade. A arte está presente em nosso cotidiano, assim como os desafios apresentados pela profissão. A partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas, é factível a viabilidade de aproximação do Serviço Social com as políticas culturais a fim de promover uma proximidade maior com a população vulnerável, levando em consideração a promoção da cidadania e o respeito pelos direitos sociais, o que confirmou nossa resposta provisória (hipótese). Utilizar a arte como instrumento de intervenção não se restringe apenas e tão somente a prática artística em si, mas diz respeito a explorar o potencial transformador que o profissional carrega consigo, se desfazer da restrição de apenas um único modelo de atuação, propor por meio de um processo dinâmico a conexão, reflexão e o reconhecimento de cada indivíduo, reafirmando o potencial como cidadão de cada um.

Pensar na arte como um instrumento potencializador da emancipação social e política da juventude nos permite romper com as barreiras de um modelo restrito de atuação. Como parte de uma profissão que precisa lidar com mudanças aceleradas ao longo do tempo, é necessário que os (as) assistentes sociais estejam sempre em constante luta para reafirmar uma atuação baseada em justiça social e em liberdade, prezando pelo respeito e pela dignidade da pessoa humana. É mais do que necessário refletir sobre as possibilidades alternativas de atuação. Assim como os (as) assistentes sociais, professores, educadores, têm um papel importante na construção desse cenário, o Estado também precisa agir para que além de oportunidade, também sejam oferecidas condições, para possibilitar que as mediações aconteçam de forma adequada.

Dessa maneira, a arte e os movimentos culturais são fundamentais para construir uma juventude capaz de reafirmar o seu espaço nos movimentos de emancipação humana, política e social. Por meio desse estudo foi possível perceber a importância do programa Jovem de Expressão e do Sarau VA para a juventude da cidade de Ceilândia, onde eles podem ser ouvidos e acolhidos de forma segura. Espaços como esses são primordiais para consolidar a luta pela visibilidade da juventude periférica e pela permanência da cultura marginal no cenário cultural.

Como diz o poeta Herbert Read, “a arte é, foi, e ainda é o elemento essencial da consciência humana.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Ceilândia**: resgate histórico. Brasília, Cadernos de Pesquisa - 10, p. 48.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BARROCO, M. L. S. TERRA, S. H. **Código de Ética do Assistente Social comentado**. Organização do Cfess. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASÍLIA. **Projeto de Lei da Câmara nº 98, de 2011**. Institui o Estatuto da Juventude, dispondo sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, o estabelecimento do Sistema Nacional de Juventude e dá outras providências. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102925>.

BRASÍLIA. **Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/591300/publicacao/15637530>.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000

CAVALCANTE, José Estênio Raulino. Direitos culturais e direitos humanos: uma leitura à luz dos tratados internacionais e da Constituição Federal. **Revista Eletrônica Díke**, v. 1, n. 1, p. 243-267, jan./jul. 2011

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 20 out. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de ética Profissional do Assistente Social**. Brasília, 1993

CRESWEL, John Ward. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Acesso em: 29 jun. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. 1. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006

_____. **Cidadania Cultural: O Direito à Cultura / Marilena Chauí – 2. ed.** – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales: Crítica y emancipación**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p.53-76, jan. 2008.

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **O Perfil da Juventude do Distrito Federal**. Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/O-Perfil-da-Juventude-do-Distrito-Federal-Uma-an%C3%A1lise-dos-dados-da-PDAD-2015-2016.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

Conceição, G. D. (2010). **O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social**. (V. 12, n.o 2, pp. 51-67). Londrina: Serviço Social Revista.

CORRÊA, Darcísio. **A Construção da Cidadania**. Reflexões Histórico-Políticas. 3.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Cultura e democracia na Constituição Federal de 1988**: representação de interesses e sua aplicação ao Programa Nacional de Apoio à Cultura. Brasília : Brasília Jurídica, 2004.

DALLA CORTE, T.; DALLA CORTE, T. A democracia no século XXI: crise, conceito e qualidade. **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 10, n. 2, p. 178-201, 16 jun. 2018.

DALLARI, Dalmo. **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 06 nov. 2023.

ELEMENTO EM MOVIMENTO É UMA ODE À CEILÂNDIA E AO HIP HOP DO DF. **Jornal do Rap**. Disponível em: <https://www.jornaldorap.com.br/eventos/shows-e-baladas/elemento-em-movimento-e-uma-ode-a-ceilandia-e-ao-hip-hop-do-df/>. Acesso em: 13 de nov. 2023.

ESPINOSA, Julio Garcia. **Por um Cinema Imperfeito**. In: transformações no Vídeo Popular. In: BRIGADA DE AUDIOVISUAL DA VIA CAMPESINA. Lutar Sempre! Estudos sobre audiovisual e a construção da realidade. 2º ed. São Paulo, 2011

FATUYL, R. B. **O ensino da arte nos países do terceiro mundo**. In: BARBOSA, A. M. (Org.). O ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC/USP, 1990.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Zahar: Rio de Janeiro – 4ª ed. 1973. [Tradução de Leandro Konder -Título Original: Von der Notwendigkeit der Kunst].

_____. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.

_____. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1959. Tradução: Leandro Konder.

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social**. 2000. Disponível em: <http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/Yolanda%20Guerra%20instrumentalid.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023

HEGEL, G. W. F. Estética. **A ideia e o ideal** [trad. de Orlando Vitorino]. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; PEREIRA, Carlos A. M. **Poesia Jovem dos Anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). 2 ed. 26 **Poetas Hoje**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1988.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional** - 3. ed.- São Paulo, Cortez, 2000.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LUKÁCS, G. Estética. I. **La peculiaridad de lo estético**. Barcelo/México: Grijalbo, 1966. v.1.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MATTOS, Bianca Nogueira. **O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade** – Franca: [s.n.], 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico Filosóficos 1844**. Tradução e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Marx: A Teoria da Alienação**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1981.

NETTO, José Paulo. **Desigualdade, pobreza e Serviço Social**. Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea, Rio de Janeiro, n. 19, p. 184-170, 2007.

PAIVA, Beatriz Augusto de; SALES, Mione Apolinário. A nova ética profissional: práxis e princípios. In: BONETTI, Dilsea Aldeodata et al. (Orgs.). **Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis**. São Paulo: Cortez/ CFESS, 1995.

PERES, J. L. P.; BESSA, L. F. M. Cultura periférica, Cidadania e Espaço público: o potencial político do movimento hip hop da Ceilândia/DF. In: **VIII Congresso Internacional en Gobierno, Administración y Políticas Públicas GIGAPP**, 2017, Madrid. Anais. Madrid: GIGAPP, 2017.

PESTANA, A. B. Cultura como prática de cidadania: uma perspectiva ampliada do conceito. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 85–103, 2011. DOI: 10.5433/1679-4842.2011v13n2p85. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7779>. Acesso em: 18 out. 2023.

RESENDE, M. L. S. **Ceilândia em movimento**. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília.

RODRIGUES, Sandra Maria. **Ceilândia/DF: Histórias, Afetos e (re)significações a partir da educação patrimonial** / Sandra Maria Rodrigues -- 2021. 2012 f. il. color. ; 30cm. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/699645/2/Sandra%20Maria%20Rodrigues%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20ProfHist%C3%B3ria%20-%20Ufmt.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SANTANA MATHIAS, M.; CRISTINA SALVATTI COUTINHO, L. A arte sob a perspectiva do marxismo: uma atividade humana potencialmente humanizadora. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 223–234, 2020. DOI: 10.9771/gmed.v11i3.33760. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33760>. Acesso em: 19 out. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Vera Núbia. **Arte em Cena: algumas reflexões na formação e no projeto político profissional do serviço social**. XVIII Seminario Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social. La cuestión Social y la formación profesional en Trabajo Social en el contexto de las nuevas relaciones de poder y la diversidad latinoamericana. San José, Costa Rica, 2004.

SOUSA, Charles Toniolo de. **A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional**. Emancipação, Ponta Grossa, 8(1): 119-132, 2008.

SWIDLER, A. (1996), "**Cultural power and social movements**", in H. Johnson e B. Klandermans (eds.), Culture and social movements, Minneapolis, University of Minnesota Press.

TAVARES, B. L. Na quebrada, a parceria é mais forte "juventude hip-hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal". **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 615, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5479>. Acesso em: 23 out. 2023.

VARELLA, G. **Plano Nacional de Cultura: direitos e políticas culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e participar da pesquisa de dados referente ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Arte na função”: uma análise dos movimentos culturais da juventude na Ceilândia enquanto expressão de emancipação política e social. A monografia tem como objetivo elucidar a arte como instrumento de emancipação da juventude periférica por meio da construção de movimentos culturais na cidade de Ceilândia e demonstrar como o Serviço Social atua na consolidação de jovens emancipados política e socialmente.

Reitero que fui informado (a) e orientado (a) sobre o intuito e os objetivos dessa pesquisa, não tendo dúvidas a respeito de que minha participação é voluntária, estando ciente de que serão resguardadas as minhas informações pessoais e que poderei contatar a orientanda Anna Clara a qualquer momento que julgar necessário pelo e-mail annaclarasdo@gmail.com. Afirmando que aceitei participar de minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Portanto, autorizo a utilização das informações por mim prestadas para a finalidade de estudos acadêmicos.

Brasília, ___ de ___ de 2023.

Assinatura do Entrevistado

ANEXO



20

²⁰ Arte por Bruno dos Santos.